Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros	2$500	réis
Semestre ou 26 numeros	1$300	»
Trimestre ou 13 »	700	»
Avulso	60	»

ANNO I—11 DE DEZEMBRO DE 1881—N.º 43

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA
BRAZIL

Anno ou 52 numeros	7$000	réis
Semestre ou 26 numeros	4$000	»
Trimestre ou 13 »	2$000	»
Avulso	200	»

SUMMARIO

GRAVURAS:—Sobre o gelo; João Breydel partindo para o exilio; A leiteira; Uma vista de Bois-l'Haine.

TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Domingo historico, por A. O. Sciencia popularisada; Uma aventura de theatro, por Augusto V; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

A *Hebréa* em S. Carlos, e Sophia Menter em D. Maria, são os dois unicos, entendes bem, os dois unicos acontecimentos da semana.

A *Hebréa* restituiu a nossa scena lyrica ao caminho habitual de *fiascos* d'onde ella andava havia tempos transviada, graças á garganta de rouxinol da Donadio, ás attitudes de esgrimista do sr. Kaschmann e á deliciosa e encantadora musica do *Hamlet* de Ambroise Thomaz.

E em relação á phrase *attitude de esgrimista* permitte-me que eu abra um parenthesis para t'a explicar.

Convencionou-se dizer que o sr. Kaschmann comprehendera admiravelmente o personagem de *Hamlet*. A meu ver o sr. Kaschmann falseou completamente o sentido real d'aquella creação artistica e em vez d'um ser humano, excepcional sim, dilacerado por paixões extraordinarias, mas em todo o caso verdadeiro e vivo, apresentou-nos um pequeno personagem de attitudes sentimentaes, cabelleira frisada e olhos em alvo, que diz bem algumas phrases, mas que em compensação representa detestavelmente algumas scenas.

Póde-se lá admittir que *Hamlet*, indo á esplanada encontra o espectro de seu pae, sabendo perfeitamente quem elle é, porque o espectro já appareceu a uns seus amigos que lh'o tinham vindo dizer, desenbainhe a espada furioso e envista contra a sombra paternal exactamente como o faria contra a primeira aventesma desconhecida que em noite de *sabbat* elle visse surgir, detraz d'uma ruina, ao luar.

SOBRE O GELO.

E quando o espectro, com uma voz subterranea lhe brada:—*Non abbliar*! o que significa aquella attitude que elle toma bruscamente, a perna direita curvada, o tronco inclinado para deante, o braço direito segurando a espada em terça alta e o outro erguido no ar, com a palma da mão virada para a nuca, como um Cassagnac qualquer que se prepara para partir a fundo?

No terceiro acto quando o mesmo cavernoso phantasma apparece para impedir que elle assassine a mãe, para que desata elle n'aquella corrida doida que vae terminar n'uma canellada sobre o genuflexorio? É mister não ter lido a mais rêles traducção do *Hamlet* para não ver na scena, que na tragedia corresponde a essa situação, que Hamlet ao ver surgir o espectro de seu pae, não manifesta terror de especie alguma e apenas um terno respeito, uma meiguice melancholica que se traduz logo na primeira phrase que lhe dirige e em que lhe chama: *Sombra querida*...

Podiamos multiplicar as citações. O mais curioso é que as scenas em que o exito, incontestavelmente grande do sr. Kaschmann, se apoiou mais foram precisamente aquellas que não existem na tragedia, que são pura phantasia dos librettistas, e em que o caracter do assombroso personagem shakespereano, é tratado por Jules Barbier e Michel Carie pouco mais ou menos como os seus compatriotas costumam tratar a sua roupa, segundo o proloquio popular. Essas scenas são as da canção bacchica do segundo acto e o final d'esse mesmo acto, em que no *libretto* Hamlet desmascára o rei Claudio e lhe chama em plena côrte, *ma schera vile*!

Mas voltando á *Hebrea*, com tanto mais prazer que é essa uma das operas da minha mais absoluta predilecção. Nada mais bello e mais brilhante do que o final do primeiro acto d'essa opera, a grande marcha triumphal, em que passa o sopro tempestuoso d'uma inspiração que só achou depois na lyra de Meyerber cordas em que podesse vibrar.

Ha ainda uma outra marcha extraordinaria, a marcha funebre do quinto acto. É impossivel descrever o effeito que produz o deslumbramento d'essa sinistra melodia. De espaço a espaço, o oitavino solta um grito agudo que sôa no andamento vagaroso e triste como o commentario d'um gemido dilacerante.

O desempenho foi incorrectissimo, salvando-o o sr. Bulterini n'um unico trecho do seu papel, o celebre adagio *Rachel, allor che Iddio*, e o sr. David, cuja pastosa voz de baixo deu á excommunhão do terceiro acto um vigor de que nem mesmo o sr. D. Americo seria susceptivel.

Em D. Maria Sophia Menter exhibiu o seu travesso e petulante perfil, os seus grandes olhos negros, a sua cabelleira phenomenal e a agilidade extraordinaria dos seus dedos. Por emquanto a minha opinião é muito reservada e espera uma segunda audição para decidir de si para comsigo se dentro d'esse organismo gentil, e ligeiro existe uma alma apaixonada e vibrante.

IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

SOBRE O GELO.—No momento em que escrevemos estas linhas, parece-nos quea scena, que a nossa gravura representa, em vez de se passar na Hollanda, se passa ali em baixo no Aterro. O sr. Dillens, quando copiou do natural o *croquis* da sua gravura, decerto não tinha os dedos tão gelados ao pegar no lapis como nós os temos ao pegar na penna. A temperatura de que estamos gosando reclamava sem duvida alguma um lençol de neve em Campo de Ourique, trenós em vez de americanos. Duvidamos porém que as nossas saloias da Porcalhota e de S. Domingos de Rana podessem competir em gentileza e em frescura com essas guapas hollandezas, que dispõem alegremente sobre o gelo os seus cestos de hortaliça, de fructa e de criação. O quadro é delicioso, mas com a bréca aquelle horisonte, em que se destacam e esfumam vagamente esses vultos indecisos, visto no dia em que escrevemos—dia de Nossa Senhora da Conceição, aggrava consideravelmente o frio que sentimos. Brrr!

JOÃO BREYDEL PARTINDO PARA O EXILIO. — Esse homem que parece estar já no declinar da vida, esse homem de estatura imponente, de aspecto sombrio e abatido, é João Breydel, o decano dos carniceiros de Bruges, e a estampa representa-o no momento em que, victima de uma sentença de proscripção, vae deixar a sua cidade natal e o seu lar domestico.

Recordemos em poucas palavras os acontecimentos que deram origem ao exilio do celebre tribuno.

O conde de Flandres, Guy de Dampierre, tendo pegado em armas contra o seu suzerano Philippe o Bello, foi vencido, accusado de traição, arrojado para um carcere, e Flandres foi confiscada em proveito da corôa de França.

Philippe o Bello mandou, para governar a sua nova conquista, Jayme de Châtillon, um fidalgo duro, altivo, ávido e que nada entendia da missão que lhe fôra confiada. Apoiado pelos «Lêliaerts», ou partidarios da França, esmagou os burguezes com mil impostos, e vexames.

Rebentaram sedições em muitas cidades e sobretudo em Bruges, onde João Breydel e o seu amigo Pedro de Konnick, decano dos tecelões, organisaram uma forte resistencia e foram banidos da sua cidade natal com mais de cinco mil «Klaueraerts», ou partidarios da independencia nacional.

João Breydel não recuára diante de perigos de especie alguma; havia un spoucos de mezes que affrontava todos os dias a morte; o exilio portanto nada tinha que o assustasse, mas percebe-se que o seu coração se havia de despedaçar, quando pisava, talvez pela ultima vez, os sitios em que até ahi decorrêra a sua vida, sobretudo com uma filha tão encantadora como essa que tenta consolal-o.

Mas esse exilio não devia ser de longa duração; os cumplices que tinha na cidade abriram-lhe as portas, a elle e aos seus companheiros, e a 18 de maio de 1322, aos primeiros clarões da aurora, o grito de guerra «Flandres do Leão» soou aos ouvidos dos francezes; e houve então a matança conhecida pelo nome de «Matinas Bruguezas» por causa da sua analogia com as celebres «Vesperas Sicilianas». De cinco mil que os francezes eram, só duzentos escaparam a essa carnificina, e entre elles contava-se Jayme de Châtillon. Esse acontecimento foi o preludio da victoria das «Esporas de ouro», e da emancipação de Flandres.

A LEITEIRA. — O quadro é de Eerelman, o autor d'aquelle magnifico «Chove ainda»? que os leitores do *Jornal do Domingo* um dia d'estes admiráram. A scena passa-se na Frisia tambem, provincia hollandeza celebre pelas suas magnificas pastagens, mas não chove agora, um alegre sol desperta as campinas, por onde caminha a leiteira com as suas vasilhas cheias a trasbordar de um leite succulento e espesso.

Transportando o leite assim, não corre a leiteira perigo de certo de lhe acontecer o mesmo que aconteceu a Perrette, mas ha outros perigos. Seguem-n'a dois larapios, bem innocentes, um vitello, e uma criança. O vitello, conscio do direito primordial que lhe assiste á posse d'essa appetitosa mercadoria, sempre que apanha a leiteira distrahida, mette a sua bonita cabeça dentro da vasilha; do outro lado o pequenito é menos feliz, apenas pode molhar a ponta do dedo no leite saboroso e é logo pilhado em flagrante; mas a boa leiteira, em vez de ralhar, sorri. Provavelmente é mãe, e deixou em casa algum pequenito que, mais feliz do que esse, está a essas horas deitando abaixo uma boa tarrassada de leite fresco e espumante.

UMA VISTA DE BOIS-L'HAINE.—Tem poucos commentarios esta gravura. Representa uma bonita aldeia da Belgica, celebre por ter sido destruida quasi completamente pelo cataclysmo de 12 de março de 1876. Essa igreja gothica foi completamente arrazada, e n'esse formoso sitio reinou por algum tempo a devastação e a ruina. É provavel que já esteja hoje completamente reparado o effeito do temporal terrivel.

O DOMINGO HISTORICO

11 de dezembro de 1854—Enterro do visconde de Almeida Garrett

Faz hoje 27 annos que se escondeu para sempre na sombra do sepulchro o maior poeta de que n'este seculo se pode gloriar a nossa patria. Tinha 55 annos quando desappareceu do mundo, estava em plena força da vida, em pleno vigor da intelligencia. Acabara de publicar as *Folhas caídas*, essa primorosa grinalda que não parecia ser nem de folhas do outono como o titulo indicava, nem de flores que iam desabrochar á beira de um tumulo, como a Providencia ordenára nos seus imperscrutaveis decretos.

Teremos occasião por mais de uma vez de fallar n'este grande homem, quando vierem a coincidir com as datas da publicação do *Jornal do Domingo* algumas datas gloriosas da sua vida. Agora basta que lembremos essa funebre ceremonia a que assistiu Lisboa inteira, e em que se ergueu uma voz eloquente a prestar ao morto a derradeira homenagem, assegurando ao mesmo tempo á patria que, se um grande orador se sumia no tumulo outro lhe restava ainda. Essa voz eloquente foi a de Rebello da Silva.

«Senhores, dizia elle, a purpura do genio, ferida pelo braço do Eterno, provou o nada das grandezas humanas. Disse-nos, como todas as realezas, que só Deus é grande.

Eil-o prostrado o gigante do seculo; e na derradeira hora, espirito sublime, apertou ao peito a sua cruz e soltou do mundo a grande alma!

A fé precedeu-o, illuminando as sombras da eternidade, e, sem ostentação, fiel ás crenças intimas, a terra recebeu as cinzas, a immortalidade perpetuou o engenho...

Não vêdes este sol esplendido que se levanta sobre as nossas frontes, brilhante como o amor da patria na sua alma, e fulgido como a grande imagem da sua gloria? É o sol da posteridade; é o sol dos tumulos; é o sol que doura a fama de Camões em tres seculos de saudade inextinguivel.

O vulto, que abrio este seculo, é já n'essas sombras estatua. Hontem homem, hoje saudade, ámanhã gloria, os raios da sua luz illuminam no se-

pulchro a era que de novo creou as nossas letras. *Camões, D. Branca, Adosinda, Fr. Luiz de Sousa*, o poema moderno, a elegia d'alma, drama tragico rival da Melpomene antiga, e o *Livro das viagens*, essa conversação espirituosa, tão viva, tão variada, tão profunda... como aquella que lhe souberam apreciar os privilegiados que no trato familiar da sua amena intimidade aprenderam a conhecer o homem sempre superior, cujo coração, mesmo não podendo com a vida, entre os véus da morte, alçando o espirito, lançava sobre todos os assumptos a claridade do genio que Deus só dispensa aos seus eleitos... todo este complexo de obras, uma litteratura inteira, formam os élos d'essa admiravel cadeia, cuja extremidade vem agora sumir-se na penumbra da campa semi-aberta.

Estas portas fecharam-se sobre o visconde de Almeida Garrett; a humanidade despia aqui na cinza os véus da carne. Não é ao nobre, não é ao ministro de estado, não é ao embaixador que se curvam respeitosas as frontes. Mais alta gloria nos avassalla em preito ao que foi. Em Camões tambem morreu o homem para brilhar o nome; com elle pereceram as paixões. No cantor do grande poeta o titulo acabou para principiar a gloria. Aqui jaz o visconde de Almeida Garrett: alli, aos raios d'esse astro glorioso, vive João Baptista de Almeida Garrett.»

SCIENCIA POPULARISADA

Exposição de Electricidade em Paris

IV

Antes de deixarmos Edison, cumpre citar outra innovação telephonica do fecundo inventor. Queremos fallar do *electro-motographo* ou *metophone*. É um receptor, por meio do qual grande numero de pessoas reunidas na mesma sala póde ouvir simultaneamente os sons transmittidos pelo telephone. O apparelho é constituido por um cylindro, que, girando, faz vibrar a extremidade de uma agulha e bem assim uma membrana metallica, em cujo centro está fixa a outra extremidade da agulha.

Entre as varias modificações introduzidas no metophone destaca salientemente a de Hugues, que pareceria phantastica, se não fosse confirmada por numerosas applicações. Hugues inventou um apparelho denominado *microphone*, que, como bem indica o seu nome, faz ouvir a voz e os ruidos mais fracos. Parece incrivel, mas é certo, que com este instrumento ouve-se o tic-tac de um relogio de algibeira collocado junto d'elle, e o ruido, que produz uma mosca andando sobre o supporte do microphone, tornando-se verdadeira e real a conhecida anecdota do sujeito, que da rua do Ouro não via uma mosca sobre a estatua de D. José, mas ouvia-lhe os passos.

Photophone. Ainda se deve a M. Graham Bell a invenção de outro apparelho, destinado a transmittir a voz por meio da luz. A descoberta foi annunciada o anno passado na Associação scientifica de Boston. É o *photophone*.

Como em logar da electricidade quem actua é a luz, supprime-se o fio metallico, sendo o transmissor e o receptor unidos por um feixe de raios solares, ou por um fóco luminoso qualquer: uma vela, um bico de gaz, uma lampada electrica, etc. Finalmente, a voz ouve-se por meio de um telephone. A questão é saber como este é influenciado pelo feixe luminoso, e como adquire o feixe a propriedade de vibrar como a palavra. Era necessario attender a grande numero de circumstancias para que G. Bell chegasse ao seu fim. Primeiro que tudo, impunha-se imperiosamente a necessidade de empregar um corpo sensivel á acção da luz e da electricidade. O corpo existia: é o silenio.

Baseando-se na propriedade, que tem o silenio, de offerecer resistencia á passagem da electricidade, e sabendo mais que essa resistencia variava com a acção da luz, poude G. Bell construir o photophone.

A primeira experiencia feita permittio que Bell e Tainter conversassem a uma distancia de 218 metros. Depois corresponderam-se a mais de 21 kilometros. Empregavam a luz do sol, como em todas as observações, que fizeram na America, e tiveram occasião de verificar diminuições do som transmittido, todas as vezes que o sol era encoberto por alguma nuvem. Por isso foram levados a dizer que o photophone deixa ouvir a passagem das nuvens por deante do sol.

Multiplicando as suas experiencias, M. Bell chegou a resultados de grande valor scientifico; mas, como a electricidade nenhum papel representa em semelhantes experiencias, limitar-nos-hemos a dizer que d'ahi procedeu um novo ramo de sciencia, inspirado pelo telephone, a que se chama *Radiophonia*.

Transporte de força. A transmissão da força motora por meio da electricidade é uma das mais formosas concepções do espirito humano, e uma das principaes maravilhas, que se admiravam na Exposição. O papel, que representa na industria, limitado por ora a algumas interessantissimas applicações, tomará sem duvida um grandissimo desenvolvimento, logo que seja bem conhecida toda a variedade dos seus recursos, todo o alcance de suas multiplices vantagens. Se a nossa voz fosse auctorisada, se tivessemos a rematada loucura de suppôr que as palavras, que aqui vamos escrevendo, haviam de encontrar echo, impressionar o animo dos industriaes, comperiamos em considerações sobre o assumpto, pedindo-lhes instantemente que meditassem, reflectissem maduramente nos serviços, que lhes póde prestar a transmissão da força motora por meio da electricidade, no futuro brilhante e prolifico reservado a esta nova provincia da actividade humana.

As transmissões electricas baseiam-se no emprego das machinas dynamo-electricas *reversiveis*. São assim chamadas as machinas, que possuem a propriedade de transformar indifferentemente o trabalho motor em electricidade ou a electricidade em trabalho motor. Todas as machinas de corrente continua, e grande numero de machinas de correntes alternativas, são reversiveis.

Se tomarmos duas machinas de corrente continua (das que se empregam só nas transmissões), e se as reunirmos por um fio conductor, e fizermos trabalhar uma d'ellas por meio de um motor qualquer, este gera uma corrente electrica, que atravessa o conductor, chega á outra machina e põe-n'a em movimento. A segunda machina, ou *receptor*, que funcciona unicamente sob a influencia da corrente desenvolvida pela primeira, ou *gerador*, produz uma força proporcional á do motor inicial. Como o fio conductor póde, sem inconveniente, ter muitos kilometrros de estensão, vê-se que é possivel com apparelhos extremamente simples transportar a força motora a grandes distancias.

Partindo d'estes dados, é facil conceber immediatamente a possibilidade de aproveitar as innumeras quedas de agua até hoje sem emprego, e ficam de todo o ponto dissipados os receios manifestados pelos economistas de que se esgotassem dentro em pouco tempo as minas de carvão de pedra.

A idéa de empregar as machinas electricas reversiveis ao transporte de forças pertence á sociedade Gramme, que d'ella fez applicação na exposição de Vienna de 1873. Depois d'essa època muitos inventores occuparam-se da questão, e estudaram um material conveniente tendo em vista applicações diversas. Entre elles citaremos M. Felix, de Sermaize, que emprehendeu introduzir esta nova applicação da electricidade em todas as operações agricolas, na exploração de minas, no transporte de mercadorias, etc., e Siemens, de Berlim, que estabeleceu varios caminhos de ferro com locomotivas electricas.

Na Exposição havia muitos apparelhos simplicissimos, destinados ao transporte de forças por meio da electricidade: receptores da electricidade, que giram e communicam directamente o movimento a ferramentas de operario, machinas de costura, bombas centrifugas, etc. Outros mais complicados, como, por exemplo, os instrumentos de agricultura e os tramways electricos.

É prodigiosa a utilidade e a economia, com que se aproveitam os instrumentos agricolas na debulha, na elevação das aguas para regas e alimentação dos gados etc.; afóra as charruas, que são construidas segundo a natureza do solo, em que devem trabalhar.

A applicação do transporte das forças por meio da electricidade á tracção de vehiculos sobre vias ferreas, tem sido estudada activamente, ha dois annos, por Siemens. Depois de varios ensaios em caminhos de erro de via reduzida, foi estabelecido, ha pouco tempo, nos arredores de Berlim, uma linha de 2:500 metros para serviço publico. Os rails são isolados um do outro e servem de conductores á corrente electrica. O gerador da electricidade, collocado n'um dos extremos da linha, é posto em acção por uma machina; a corrente passa por um dos rails, chega ao receptor collocado debaixo da carruagem, e vae para o outro rail. No receptor o movimento é transmittido ás rodas por meio de roldanas de aço. A velocidade media da carruagem é de 15 kilometros por hora.

A tracção electrica é incontestavelmente mais vantajosa do que a tracção a vapor, principalmente no interior das cidades, por isso que se opera sem ruido, sem fumo, sem nenhum dos inconvenientes, que sempre acompanham o uso do fogo. Apesar d'isso não encontrou ainda applicação tão fructuosa, que nos levasse a emittir opinião sobre os seus resultados economicos. Seja como fôr, cumpre a todas as municipalidades das grandes cidades promover quanto possivel os estudos relativos ao estabelecimento de vias ferreas electricas aereas, porque, sem fallarmos de Paris e de Londres, em Lisboa, na rua do Arsenal, a circulação dos peões, carruagens, carroças, e americanos, vae crescendo todos os dias, e não tardará a causar desastres quotidianos.

O transporte de forças por meio da electricidade é extremamente curioso, ha de ter um grande desenvolvimento, e crêmos que substituirá com vantagem economica o emprego do vapor.

Havia um specimen de tramway electrico, estabelecido na praça da Concordia, em uma das entradas do palacio da Industria, que sendo o pasmo e admiração dos profanos, era objecto de profunda meditação e estudo para os homens de sciencia e para os industriaes, cujo proposito é converter em utilidade pratica e barata esta importantissima applicação da electricidade.

UMA AVENTURA DE THEATRO

(imitação)

Assistiamos no theatro da Trindade á representação de uma opereta. O 1.º acto começou; as graças

fascinantes de Florinda, as visagens de Leoni, os fatos luxuosos de Carlos Cohen, alegravam a peça, como o sol da primavera as campinas cheias de flores. Mas não tardou que o licor implacavel da somnolencia se nos infiltrasse por entre as palpebras que mal podiamos abrir; pesadas como chumbo fechavam-se lentamente, e pouco a pouco a peça, esvaecendo-se diante de nós, desappareceu completamente no denso nevoeiro de um profundo somno. Prevendo logo uma lucta terrivel, pensámos em sahir do theatro e em voltar prudentemente para casa; mas amarrava-nos á cadeira, o nosso dever de critico e um outro motivo muito menos austero. A mulher, que amavamos doidamente, estava na segunda friza, e deviamos depois da peça acompanhal-a a casa. Ficámos pois, e tentámos um combate titanico, que faria empallidecer mais d'uma batalha celebre. Dize-nos, leitor, nunca foste accommettido n'um theatro por esse somno irresistivel, tenaz, implacavel, fatal, que se colloca bruscamente sobre os olhos, como um apagador sobre uma vela? Pois foi esse somno que ousámos affrontar.

O duello começou. A primeira escaramuça não nos foi favoravel.

Quando o 1.º acto acabou, estavamos immersos nas longiquas paragens do somno...

De vez em quando acordavamos sobresaltados, apanhavamos distinctamente uma palavra ou uma syllaba, tentavamos prender a essa syllaba inesperada o fio cortado da nossa intelligencia; pensavamos na mulher, que idolatramos, olhavamos para ella, mas nem mesmo essa querida estrella nos salvava do naufragio do somno. Empregavamos então os meios mais energicos, puchavamos pela barba, davamos pontapés nas pernas, beliscões nos braços e até applaudiamos.

JOÃO BREYDEL PARTINDO PARA O EXILIO.

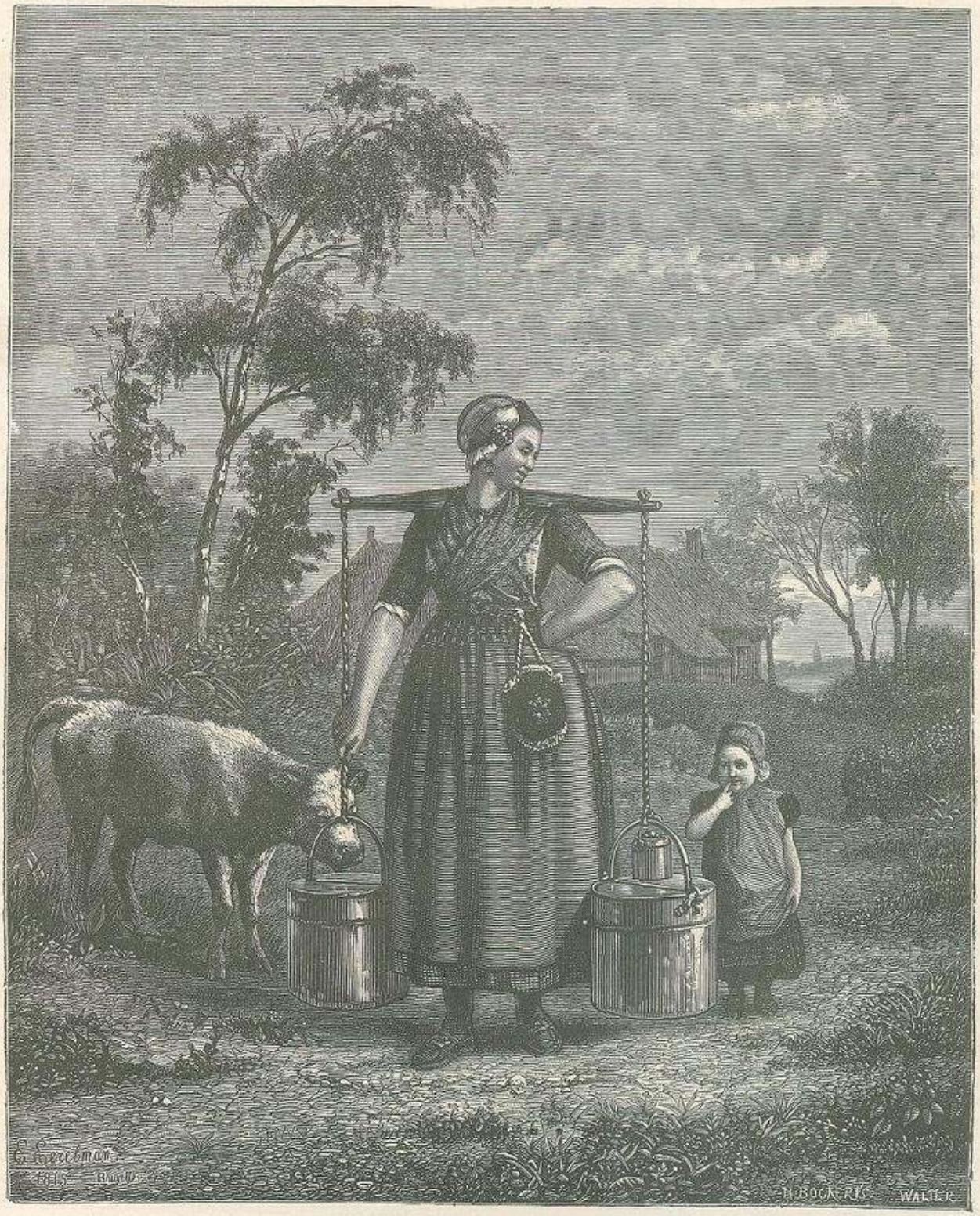
Mas as nossas mãos não tinham força, e os braços cahiam desanimados.

Terminado o 2.° acto, sahimos bruscamente da platéa, acotovellando uns e pisando outros chegámos á rua. Chovia a bom chover, tirámos o chapeu, e ficámos todo o entreacto, de chapeu na mão, e arrostando com o espanto dos que passavam, gosando deliciosamente os grossos pingos d'agua que nos cahiam na cabeça, ao passeiarmos na Rua Nova da Trindade.

3.° acto. A campainha tocou, e voltámos para a nossa cadeira, molhados, com os cabellos collados ás fontes, escorrendo em agua, e julgando ter apanhado a fresquidão sufficiente para contrabalançar o calor soporifico do sangue. Mas oh fatalidade, a agua produziu precisamente o effeito contrario a que visavamos.

Depois de alguns arripios, a temperatura elevada da salla seccou a nossa roupa; começámos a fumar como um banho a vapor, e a sentir essa impressão de bem estar, que dá o banho morno. Principiámos a adormecer docemente, reconhecemos com desespero que o 3.° acto levava o caminho dos outros dois. Passou-nos então pelo espirito uma d'essas ideias que só occorrem nos momentos desesperados. Concebemos uma resolução suprema, só comparavel ao que a antiguidade tem de mais ousado e decisivo.

Pensámos em tirar as botas; lembrámo-nos vagamente que, do nosso passeio a cavallo nos restavam ainda as presilhas, e que, tiradas as botas, que estavam apertadas, nos seria impossivel tornar a calçal-as. Não trepidámos porém diante d'esse obstaculo, desabotoámos as calças, deixámol-as escorregar um pouco, e, não sem bastante trabalho, conseguimos tirar os pés para fóra das botas. *Eureka*!



A LEITEIRA.

Este expediente despertou-nos immediatamente.

Não tememos mais o somno, mas começámos então a inquietar nos com as consequencias terriveis da nossa acção. As ideias aclararam-se, encarámos a nossa posição, com um medo em que havia algum arrependimento. Como sahir do theatro? Atravessar por entre a multidão elegante com as calças cahidas, e arrastando atraz de nós uns pés inexplicaveis? sim, porque era inteiramente impossivel tornar a abotoar as calças, que estavam presas ás presilhas.

Resolvemos levantar-nos apenas, quando já não estivesse ninguem no theatro.

Pungiu-nos então outra reflexão horrivel. Como haviamos de ir buscar a nossa dama ao camarote? Renunciariamos a uma felicidade por tanto tempo sollicitada? se a não acompanhamos, um outro a acompanhará, porque, ó desespero—sabemos perfeitamente que ella é muito mais bonita que fiel. E d'esta vez, ella, que não precisa de desculpas para essas cousas, teria uma excellente, nós não a termos ido buscar—e ainda em cima nos censuraria a sua falta.

Estavamos pensando n'isto, quando ouvimos ruido no seu camarote: voltámos a cabeça e vimos entrar e sentar-se ao pé d'ella o nosso rival, aquelle que odiamos profundamente, aquelle que tem sobre nós todas as superioridades, que é rico, que é calvo, que é gordo, e que é estupido. Ella vê o nosso desespero e tranquillisa-nos com um sorriso: lembra-se da sua promessa, é o nosso braço que ella quer e não o braço do calvo.

Nós respondemos com um olhar consternado, que ella não comprehendeu, e que queria dizer:

—*Estamos sem as botas.*

Fazemos um esforço inaudito, empunhamos a presilha da bota direita atravez da calça; puxamos com toda a força; a bota não se mexe, tornamos a puchar; ficamos vermelhos como um pimentão, nadavamos em suor, e o pé não entra.

Concentramos todo o nosso vigor de homem namorado, apertamos com mão convulsa as calças e a presilha, e fazemos tanta força, tanta força, que a calça rasga-se em dois bocados na altura da barriga da perna.

A parte inferior cae sobre o pé, e a superior sobe para cima do joelho, mostrando inteiramente a ceroula, de que a calça preta fazia sobresair a brancura deslumbrante.

Esmagados sob esta catastrophe, resignamo-nos e cruzamos os braços com raiva concentrada.

A comedia, que até ali nos parecera lenta e monotona, parece-nos então rapida como o pensamento; lamentamos que só tenha tres actos, desejariamos que ella tivesse dez, vinte, quarenta, que fosse eterna, que durasse sempre! Nunca desenlace algum nos causou commoção mais pungente.

O panno cae! o autor ou traductor é chamado no meio de calorosos applausos. O publico sae! Chegou o terrivel instante! nós, nem pestanejamos! lugubre, pallido, com a perna direita escondida sob a perna esquerda, com as mãos apertadas sobre o ventre, para esconder o desabotoado das calças, parece-nos que nos estorciamos nas terriveis dôres d'uma colica.

Pejavamos a passagem, empurram-nos, pizam-nos, e os mais delicados, não querendo andar sobre os pés das nossas botas, passam por cima dos nossos verdadeiros pés! Não sentimos nada: temos a attenção concentrada toda na frisa, onde *ella* nos espera.

Os musicos foram-se, e, nós ficamos sós, como um rochedo, quando a maré baixa. Arriscamos um olhar para a galeria. Ninguem. Os camarotes estão desertos, só ella nos espera na sua frisa, deitando-nos uns olhares em que a admiração começa a tornar-se cólera. Como nós traduzimos bem esse olhar. «Então vem ou não vem? Porque espera? Ficamos aqui até amanhã? Que quer isto dizer? Ah sim? Boa noite! Não quer dar-me o braço? Aqui está este senhor que não se faz rogado! E alem d'isso eu gosto dos calvos, o senhor tambem já não prima por ter muito cabello!» E ella, a perfida, dá o braço a esse homem, para quem os pentes são inuteis, e desappareceu.

Saltámos para o palco, levantámos as rotulas da frisa de boca, atirámo-nos para dentro d'ella. Tirámos as calças, pegámos nas botas, calçámos uma, e iamos a calçar a outra, quando a porta se abre de repente, e uma menina de 17 annos, encantadora de mocidade, de formosura e de pureza, entra á procura do leque.

Ao dar com os olhos n'um homem em camisa, solta um grito e foge fechando a porta. Ao mesmo tempo ouvimos a voz irada do pae, gritando á porta: Abra! abra!

Renunciámos á segunda bota, vestimos as calças com a rapidez d'um relampago, abrimos a rotula com um murro, saltamos para a platéa e fugimos a bom fugir, com um pé descalço, uma perna nua, abandonando á vingança d'um pae, justamente furioso, uma bota e meia perna d'uma calça.

AUGUSTO V.

HORAS DE OCIO

Charadas novissimas

Aqui, perversa, vaes descançar os lassos membros—1, 1.

Singrava o mar, mas de subito é impellida contra aquelle rochedo, infeliz!—1, 2.

Solta o mortal ao vêr qual o seu fim e o d'esta planta—1, 1.

TAUNAY.

*

Pergunta indiscreta

Para as partes de Lisboa
existe uma povoação,
onde existem dois partidos
em perpetua opposição.

GANDAREZ.

*

Anagramma

Que sou villa lusitana
ninguem póde duvidar,
mas, se as vogaes me inverteres,
vês-me em peixe transformar.

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Soluções dos problemas do n.º 41

Embrulhada lexicologica:

LIMA (DAMASCO).

Como se acha? Velo constante pela Luzia. Febre escalda. Receio ralador.

TACITO LEITE.

Pergunta indiscreta.—O Mondego.

Palavras quadradas:

A Z O T E
Z E R O S
O R L A S
T O A D A
E S S A S

Soluções certas

Embrulhada lexicologica—Vasco (Coimbra), Nadége (Coimbra), Carmelita, Dois Estouvados.

Pergunta indiscreta—B. M. (Vianna do Castello), Edipo, Teniers (Santarem), Sindulphus (Chaves), J. L. (Coimbra), Um amante de Minerva (Penafiel), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Um aldeão (S. João do Campo), Carmelita.

Palavras quadradas—Carmo e Sousa, Monge de Osseira (Pitões de Junias), Manoel Antonio Coelho Zilhão, Um amante de Minerva (Penafiel), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Um aldeão (S. João do Campo), Manuel Paulino de Oliveira, A. Marques Guedes (Vizeu).

Soluções que chegaram atrazadas

Enigma pittoresco—Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), Téniers (Santarem).

Nota.—Já temos recebido algumas soluções dos problemas do n.º 42, e aproveitamos a occasião para explicar melhor o pensamento da phantasia arithmetica de Euclides, que não foi bem comprehendido já por alguns decifradores. Trata-se de multiplicar duas *moedas de oiro*, quer dizer duas moedas de 4$800 réis, por outras duas moedas igualmente de 4$800, de fórma que o producto sejam quarenta moedas, de 4$800 réis. Tambem se Euclides não tornou mais claro o seu pensamento, foi decerto porque em Portugal, quando se falla simplesmente em *moedas*, se entende sempre *moedas* de 4$800 réis. Em todo o caso ahi fica bem clara agora a idéa da phantasia arithmetica.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 336)

XXVII

Os cães, mal ensinados a caçar, obstinavam-se na pista longinqua dos dois primeiros ursos, e os nossos caçadores corriam risco de ficarem logrados, perspectiva mais do que desagradavel em virtude da carestia da dispensa.

Nadege e Ladislau, tendo ficado na cabana, estavam entristecidos com a longa ausencia dos caçadores. Yermac, sentado defronte, olhava para elles sem fallar, evitando, quando lhe dirigiam a palavra, responder senão por um movimento de cabeça ou de hombros.

A vista d'aquelle homem taciturno infundia a Nadege um grande pezo. Wob, que sem duvida ouvia ao longe o ladrar dos dois cães siberianos, principiou a uivar de fórma, que impressionou a rapariga.

Nadege cobriu-se com o seu vestuario mais quente, e, seguida de Ladislau, aventurou-se a sair da cabana. O crepusculo principiava cedo, e o estado do mar affigurou-se-lhe inquietador. No oriente amontuavam-se nuvens precursoras de tempestade. Do alto mar erguiam-se nevoeiros. Passado pouco tempo via-se a agua, açoitada pelo furacão, cahir em enormes esguichos produzindo immenso ruido nos brancos promontorios.

Sob a influencia de um nordeste violento, as aguas, ainda livres, de algumas polynias atiravam com força inaudita montes enormes de neve para cima das planicies geladas, que ficavam partidas, espedaçadas. No cume das ondas appareciam umas como chapas de neve, iam de encontro umas ás outras, e desappareciam cobertas de espuma.

As vagas quebravam-se sobre os blocos e sorvia-nos; mas logo em seguida, esses mesmos blocos, voltando á superficie, iam de encontro ás massas mais proximas, e luctavam até serem quebrados, despedaçados, esmigalhados. Ao ruido das ondas encapeladas pelo vento misturava-se o estalido constante e prolongado dos montes de neve.

Affirmam os exploradores dos mares polares que não ha palavra capaz de traduzir a natureza de similhante ruido. É primeiro, debaixo do gêlo que treme em convulsões, um como sibilar de milhões de flechas, um celeuma infernal, em que se cruzam as notas mais agudas com as mais graves, e o rugido torna-se cada vez mais selvagem e feroz. O gelo rompe-se em fendas concentricas, e os fragmentos desaggregados rolam uns sobre os outros. Principia então uma lucta medonha, titanica, um combate cego, que traz á memoria a batalha dos elementos nas primeiras edades do mundo. Aquellas massas enormes avançam, encontram-se, chocam-se, movidas por uma força, que bem parece obedecer ao impulso de uma paixão. Por cima d'estas scenas convulsivas, a reverberação da neve dá ao céo uma apparencia verdadeiramente estranha e o fulgor de uma luz sobrenatural.

Wob, que não deixava a sua dona, principiou a uivar sem descanço.

Ladislau esforçou-se por tranquilisar o espirito desassocegado da irmã. Repetio-lhe — o que era verdade — que Yegor e o sr. Lafleur caçavam nas torases situadas a oeste, e que as aguas livres não podiam chegar a exercer até lá a sua rapida destruição.

Nadege porém não queria ouvir nada; dirigiu-se corajosamente para o mar, na direcção em que podia encontrar o seu querido Yegor, que ella tanto se arrependia de ter deixado ausentar-se para tão longe. Pensava a pobre menina que os caçadores tomariam por guia o ladrar de Wob; contava com a intelligencia do cão, e seguia o fiel animal, que, pelo menos ao que parecia, devia caminhar para o lado, em que se achavam os caçadores.

De repente pareceu-lhe — e tambem a Ladislau — que a planicie solida sobre a qual iam andando, trepidava debaixo de seus pés. E não se enganavam. As oscillações tornaram-se dentro de pouco tempo mais acentuadas. O gêlo rangia, quebrava-se com o pezo dos seus passos. Notavam-se estrias negras sobre a neve; eram fendas que se formavam. Nadege quiz retroceder, mas atraz d'elles abrira-se agora um canal entulhado de massas de neve movediças. Vendo isto, a filha do poeta Davidoff tirava do peito gritos desesperados. Ladislau procurava debalde socegal-a. Wob ladrava ainda mais forte. O monte de gêlo em que se achavam, fluctuava. De repente, levanta-se uma vaga, arrasta-o e precipita-o com força irresistivel sobre a superficie gelada.

O choque foi terrivel! Por debaixo dos seus pés echoou um ruido prolongado, e elles sentiram que a vaga, refluindo, levára comsigo enormes fragmentos de gêlo partido. Puderam comtudo levantar-se sem ferimentos. Guiados pelo instincto de Wob, puzeram-se a correr para o lado opposto á tempestade sobre um campo de gêlo espesso, que parecia dever ficar immovel e resistir a todos os esforços tentados pelas vagas para o desaggregar; porém lá os montes de gêlo fortemente opprimidos uns contra outros, eriçando as suas asperezas, oppunham mil obstaculos á retirada das duas pobres creaturas.

Pouco depois Ladislau, exhausto, declarou que lhe era impossivel proseguir. Nadege tomando-o nos braços, levantou-o, e ella, que desfalecia momentos antes, tirou forças da fraqueza para levar o irmão adoptivo para longe d'aquelle perigoso recinto.

Procurando vêr de que lado lhe viria soccorro, descobriu Yermac, que sahira fóra da cabana attrahido pelo roncar da tempestade e pelos latidos de Wob.

O chefe de policia vinha do mesmo lado. Repentinamente embargou-lhe o passo uma fenda, que Nadege ainda não via, mas junto da qual chegou minutos depois. Deu um grito de desesperação vendo o obstaculo insuperavel, que se abria aos pés. Era uma fenda profunda, muito comprida, limitada á direita por uma torosa cortada a pique. Parecia ter sete ou oito pés de largura.

Nadege e Ladislau julgavam não ter outro recurso senão esperar que amansasse o vento, e que sobre a superficie da fenda se formassem novas camadas de neve com a necessaria consistencia para supportar-lhes o pezo, o que podia succeder dentro de poucas horas. Mas as roupas de um e outro, ensopadas de agua salgada, gelavam sobre os corpos. A immobilidade e a espera n'aquélle estado era a morte!

Yermac achou meio mais rapido de os soccorrer. Nas bordas da fenda havia pedaços de neve de diversas grandezas: imaginou fazer com elles uma ponte, e pôz logo mãos á obra. Ao primeiro boco que o chefe de policia moveu, Nadege comprehendeu a sua intenção generosa, e sentiu resnascer-lhe toda a esperança.

Com alguns pedaços de gelo, cautelosa e methodicamente dispostos, construiu-se uma especie de ponte, que Ladislau e Nadege pudessem atravessar. Ainda a pequeno não tinha largado a mão da irmã, já Yermac estendia-lhe a sua, e ajudava-a a passar. Depois dos primeiros passos, Nadege atravessou a ponte sem carecer de auxilio. Wob tinha seguido Ladislau, e voltou-se para ao pé de Nadege, como para dizer-lhe que não tivesse receio.

Ladislau abraçava o chefe de policia. Nadege não abia como testemunhar-lhe o seu vivo reconhecimento pela generosa dedicação, com que a salvara de perigo.

N'este momento appareceram Yegor, e o sr. Lafleur precedidos dos dois cães siberianos.

Tambem elles luctaram com grandes difficuldades; porque o vento difficultava-lhes o andar, levantando a neve e atirando-lh'a aos olhos. A neve, assim revolvida, entulhava o caminho, formava, como as areias, precipicios, pequenos valles, que era necessario contornear enterrando as pernas até aos joelhos n'um pó subtil e frigidissimo.

Foi extraordinaria a surpreza dos caçadores vendo Nadege e Ladislau em cima do gelo, cobertos de neve, cheios de stalactites,—e ao lado d'elles Yermac todo molhado. Ladislau informou-os logo do que se tinha passado.

— Ah! senhor Yermac, exclamou Yegor, o seu coração é muito melhor do que parece... Hoje salvou-nos a todos!

Mas depois da alegria de se encontrarem sãos e salvos, seguiu-se um grande desapontamento: os caçadores voltavam da sua penosa excursão sem trazer nada.

O dia correra favoravel para o chefe de policia, que mais uma vez se desobrigara para com Yegor. Era cousa de bom agouro para elle.

XVIII

Em nada se tinha mudado a situação difficil dos invernantes, excepto na apparencia mais humana do chefe de policia. Effectivamente Yermac parecia menos orgulhoso. Tratava com mais familiaridade a creança e a rapariga, que salvara da morte; mas era facil adivinhar que se não despiria da reserva, que manifestava. A sua fria bondade bem podia comparar-se á de um carcereiro, que tem a seu cargo prisioneiros: as attenções, as amabilidades não excediam certos limites. De resto Yermac persistia na resolução de não tocar nos raros viveres, que appareciam á meza.

No meio de tanta penuria succedeu uma coisa de grande felicidade para os fugitivos, se os Yakutes se demorassem.

Wob caçára sósinho uma renna da mesma especie d'aquella, que Yermac matára havia pouco tempo. Atirou-se-lhe ao pescoço e não largou senão depois de estar bem morta. Feita esta proeza, a um kilometro de distancia da cabana, o intelligente cão voltou para casa, e tantas voltas deu, tantas vezes ia e vinha, que Yegor resolveu-se a acompanhal-o ao sitio, em que jazia a victima. Os outros dois cães siberianos, collocados junto da preza, guardavam-na cuidadosamente. Como é facil adivinhar, a renna foi conduzida em triumpho para a cabana, e os cães não foram esquecidos, principalmente Wob.

Yermac, inflexivel, limitou-se a observar que a sua renna era maior do que a de Wob.

Vendo o sr. Lafleur que era tempo perdido caçar ursos, voltou-se para as phocas. Fabricou um harpeo e lembrou-se de empregar os cães da Siberia no descobrimento das habitações d'aquelles amphibios. Os cães, dotados de muito faro, conduziram-no a muitas aberturas estreitas, que as phocas sabem fazer no gelo, pelas quaes respiram... e deixam-se fisgar. O parisiense, apezar do frio e da fome, passava dias e noites a espreitar uma preza, que zombava da sua inexperiencia de pescador, como os ursos tinham zombado da sua inhabilidade de caçador.

Finalmente um supremo auxilio chegou uma noite aos fugitivos sob a apparencia de dois velhos tchuktchas, macho e femea. Morrendo de fome, vinham da bahia de Tchaunsk, e andavam ao longo das costas á procura de uma povoação de indigenas, onde encontrassem alguns mantimentos. Avistaram o fumo, que sahia da cabana, e vieram pedir hospitalidade.

— «Toroma»! disseram ambos quando entraram. Era uma especie de «boa noite».

Yegor lamentou a ausencia do seu fiel Tekel, que sabia alguma coisa da lingua dos tchuktchas, e respondeu ao accaso:

— Toroma!

Pelo aspecto macerado, mais do que pelos gestos comprehenderam os invernantes o que desejavam os dois desgraçados; e posto que as provisões estivessem quasi esgotadas, deram-lhes ceia que foi devorada com um appetite extraordinario, parecendo que a fome, que traziam, não podia ser saciada.

O typo d'estes indigenas trazia á memoria o mongolico do antigo mundo, combinado com o typo dos indios do norte da America, do estreito de Behring,—campo de gelo solido durante uma parte do anno—servindo de conjuncção entre as duas raças como entre os dois continentes.

Apezar da fome, que o torturava, o tchuktcha pareceu vivamente impressionado pela belleza, para elle nova, de Nadege. Não podia desviar os olhos com uma curiosidade admiradora, e examinando-a, esforçava-se por dar a sua mulher uma explicação, em que a palavra «kamakay» entrava constantemente.—Um kamakay é um chefe de tribu.

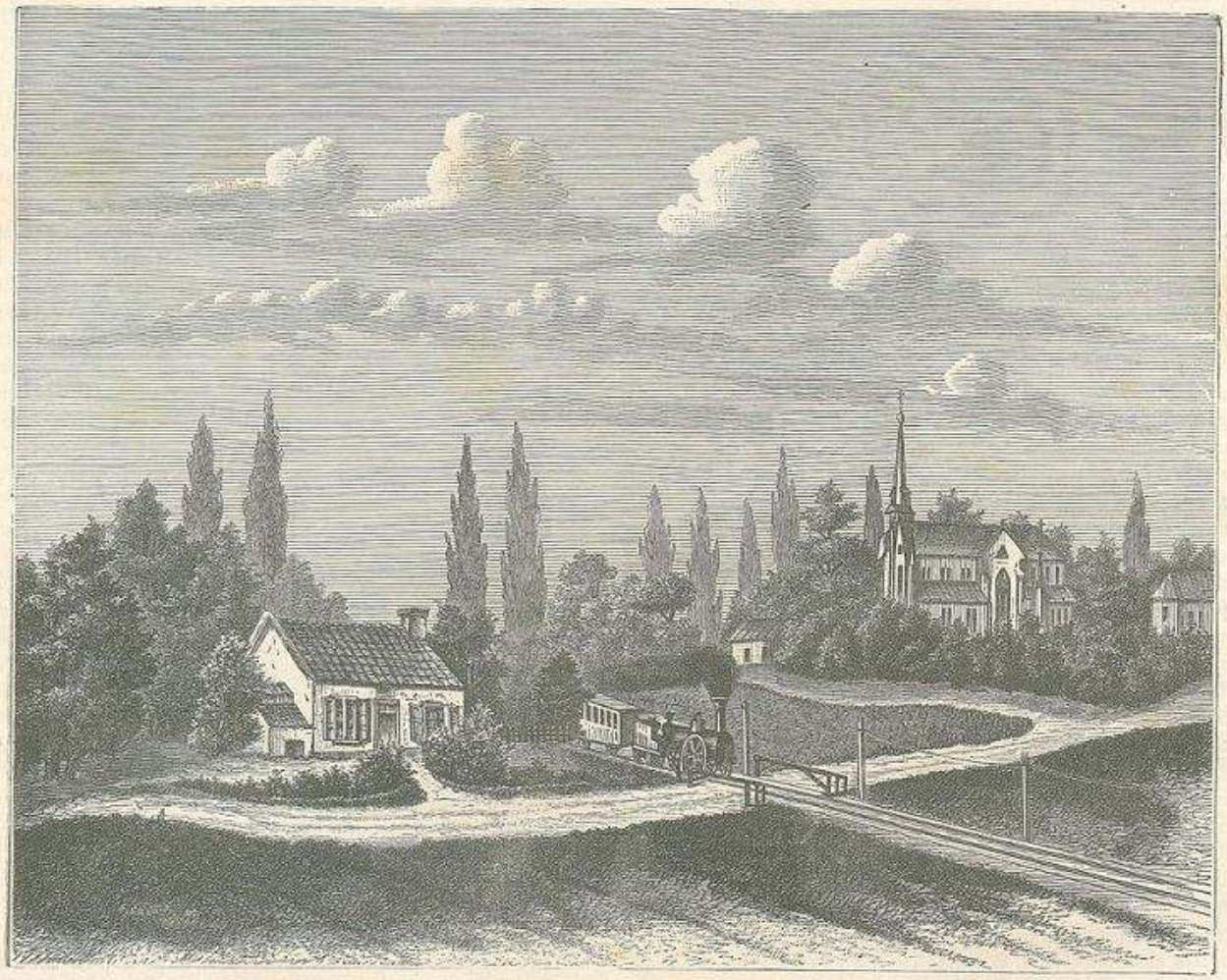
Tendo lobrigado o harpeo do sr. Lafleur a um canto, o tchuktcha pareceu espantado de lhe não terem offerecido toucinho de phoca. O sr. Lafleur disse-lhe por gestos, que tentára pescar, mas sem

resultado. Então o indigena batendo no peito para fallar de si proprio, e apontando para o harpeo e para os cães, prometteu dar, logo que amanhecesse, uma licção ao parisiense — que tomava por um russo.

Effectivamente no dia seguinte, o indigena não levou muito tempo para fisgar uma phoca. Guiado pelos cães, chegou a uma habitação de phocas. Sondou a neve com o harpeo até uma profundidade de dois ou tres pés—porque a phoca faz um buraco atravez do gelo, mas pára muitas vezes na camada de neve. Reconhecida a pequena abertura, o pescador esperou pacientemente que o amphibio viesse aspirar o ar. Á segunda ou terceira aspiração, o harpeo, penetrando vigorosamente no gelo, foi cravar-se na cabeça do animal. A phoca mergulhou, e correu todo o comprimento da linha, preparada anteriormente, e que teria quinze metros pouco mais ou menos. A linha está preza ao ferro do harpeo, e a outra extremidade está na mão do pescador. O buraco, por onde a phoca respirava, sendo desentulhado da neve, que o cobria, tornou-se bastante largo para dar passagem ao corpo do animal, quando lhe faltassem as forças. Pouco depois o indigena puxou a phoca para fóra, e levou-a para a cabana.

Ahi, depois da lição da pesca, teve logar a lição de cosinha. Em quanto o homem desmanchava o amphibio, a mulher, para ser prestavel, fazia azeite para a lanterna mascando toucinho do animal. E tão expeditamente se desempenhava da sua tarefa, que, em pouco tempo, encheu uma grande vasilha de madeira com o oleo da sua industriosa fabricação.

Cortada a phoca em pedaços, o indigena deitou-se de costas, e a mulher principiou a deitar-lhe pela boca pedaços de gordura, como se costuma a dar a comer a uma féra. Vendo que os fugitivos se não precipitavam sobre a carne crua do animal, o tehuktcha preparou enormes peças, que depois cosinhou n'uma panella com agua e sangue. Ao cabo de tres horas, a mulher principiou a distribuir pelos assistentes bocados de phoca, lambendo-os primeiro para não pingar a roupa. Se n'algum bocado apparecia algum pello da phoca, ou qualquer outro corpo estranho a esta cosinha elementar, a mulher tirava-o com a lingua. *(Continua)*



UMA VISTA DE BOIS-L'HAINE.

CORRESPONDENCIA

J. Hail M. — Quando nos recusamos a publicar alguma composição que nos enviam os nossos amaveis correspondentes, creia que o fazemos mais no seu proprio interesse do que no interesse do jornal. Viria uma occasião, em que, desfeitas as nuvens do amor-proprio que obscurecem sempre o espirito do auctor no primeiro momento, veriam a fraqueza das suas composições, e estranhariam e lamentariam a nossa indulgencia.

O sr. Hail M. ha-de continuar a fazer versos, e ha-de perceber um dia que ignorava agora todos os segredos da metrificação. Sabendo a importancia que hoje se liga a estas questões de fórma, censurar-nos-hia por termos publicado versos assignados com um pseudonymo, que póde para o futuro illustrar, e cheios de erros graves de metrica. A poesia que nos mandou é em verso hendecasyllabo, não é? Quer dizer cada verso deve ter onze syllabas ou dez contando-se apenas até á ultima accentuada, não é assim? Pois bem, o seguinte verso:

Tu qu'a desgraça não curva, nem aterra

tem doze syllabas no primeiro caso, e onze no segundo.

O verso:

Teu nome eterno gloria encerra

tem dez syllabas no primeiro caso, e nove no segundo, e, para isso, é indispensavel transigir-se com um hiato, quando não ficava com as suas nove syllabas no primeiro caso, e oito no segundo. Além d'isso o sr. Hail desconhece tambem as regras da collocação dos accentos. Ora, emquanto não estiver senhor d'estes segredos do officio, não conseguirá nunca fazer versos publicaveis. Desculpe-nos, sim?

Vichná—Deus do céo, sabio e illustre deus da India quem lhe diz o contrario? Ha amazonas em Dahomey levadinhas da bréca, havia amazonas na antiguidade que até se diz que cortavam o seio esquerdo para poderem melhor vibrar o arco; mas ainda nos parece que não serão tão ferozes as de Dahomey, nem o seriam tanto as da antiguidade, que possa considerar-se o rio que tem o seu nome como o mais feroz do mundo inteiro. Ora vamos, Vichnú, faça uma coisa, tome um bilhete do vapor da Africa, pergunte ao Serpa Pinto por onde é o caminho, vá até ao Dahomey, e verá como as amazonas, se o virem, começam logo a piscar-lhe o olho. Quer experimentar?

Gandarez—Tem rasão no que se refere ao problema do dominó. Effectivamente falta uma letra, um *i*, na palavra latina; em vez de *Fili*, que tambem é latim, escreva *Filii*, faça o segundo *i* com a quina e quadra, e com a quina e duque, e tem empregadas todas as peças do jogo do dominó.

Typ. e lit. Portugueza—Calçada do Tijolo, 39 (á rua Formosa)